

PROFANANDO-E-RESISTINDO

Sobre muros e pertencimentos

Mariane Simões¹
Luana Pavan Detoni²
Carolina Mesquita Clasen³
Eduardo Rocha⁴

Resumo

O processo da pesquisa/obra/experiência Profanando-e-Resistindo aborda as questões de gênero e do urbanismo contemporâneo, em meio as reflexões a cerca da participação dos sujeitos nas cidades e a forma como estes se apropriam das estruturas urbanas, a fim de demonstrar seus modos de subjetivações. A errância, praticada enquanto crítica ao discurso falocêntrico e ao direito à cidade, juntamente com o aporte do método da corpografia, a partir das marcas registradas no corpo subjetivo, potencializa as práticas das deambulações. “Poetizando o urbano”, como disse Hélio Oiticica, contra o espetáculo do consumo que prevalece nas cidades contemporâneas.

Palavras-chave: mulher, subjetividade, urbanismo contemporâneo.

Abstract

The Desecrating-and-Resisting research/work/experience process addresses gender issues and contemporary urbanism, amid reflections about the participation of individuals in cities and how they appropriate urban structures in order to demonstrate their modes of subjectivity. The wandering, practiced as a criticism of the phallogocentric discourse and the right to the city, together with the contribution of the method of corpography, from the marks registered in the subjective body, potentiates the practices of the wandering. “Poetizing the urban”, as Hélio Oiticica said, “against the spectacle of consumption that prevails in contemporary cities”.

Keywords: woman, subjectivity, contemporary urbanism.

Incorporação

Esse ensaio acontece a partir do encontro entre o trabalho da artista Mariane Simões, dos estudos sobre urbanismo contemporâneo e filosofia da diferença do grupo de pesquisa CNPq Cidade + Contemporaneidade. Enquanto bolsista de iniciação científica e agora membro do grupo a artista desenvolve com os demais autores um percurso teórico e reflexivo sobre a sua arte.

Para tal, nos apropriamos do método da corpografia segundo Paola Berenstein Jacques (2008). A experiência urbana de perceber e sentir a cidade, por uma prática, denominada errâncias. Sendo resultada a corpografia urbana, como a cidade afecta, deixando marcado por uma cartografia do corpo. Uma caracterização da cidade vivida que irá configurar o corpo de quem a vivência.

A experiência dessa pesquisa/obra trata sobre o início de um projeto da artista e aluna para a disciplina Processos Criativos, na graduação de Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas, em 2015. Atualmente, segue em andamento junto com as demais autoras, sob a orientação do professor Eduardo Rocha. Versando sobre a importância da visibilidade em questões de gênero e da arte no contexto da cidade contemporânea. Desse modo, foram agenciados os conceitos de gênero de Simone de Beauvoir; da filosofia da diferença a partir de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik; da teoria da deriva de Guy Debord; e de corpografia de Paola Berenstein Jacques, sendo este último, a metodologia aplicada à pesquisa/obra. Segundo Beauvoir, na obra O Segundo Sexo:

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto “fêmea” soa como insulto, no entanto ele não se envergonha da sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: “É um macho!”. O termo fêmea é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo (BEAUVOIR, 2016, p. 31).

A pesquisa/obra/experiência que potencializa essa escrita, a partir de um corpo errante e feminino, sobretudo propõe a desconstrução do discurso hegemônico que oculta, omite e romantiza a imagem da mulher. Essa relação atravessa campos sociais podendo ser encontrada em lugares e espacialidades capazes de convergir socialmente os diferentes. Sendo mais profunda que as diferenças e a restrição das interações, o que garante a possibilidade ontológica de situações de urbanidade e de processo de integração social efetiva.

Profanando-e-resistindo: sobre muros e pertencimentos, antes mesmo de ter esse nome, teve início quando a música de Gog (2011) tocou no duplo sentido que essa palavra nos traz. A canção soou e afectou quando o rapper, cantor e escritor brasileiro, em um trecho da sua música “Heroínas e Heróis” pronunciou:

“Minhas heroínas resistiram
Todas estão vivas
Mesmo as que partiram pela obra estão ativas
Ou você acredita numa Dandara derrotada?
Que Aqualtune resulta de uma história inventada?
Que as mães da candelária
Acari, Praça de Maio
Pariram um bando que merecia
Mesmo ser eliminado?
Que lugar da mulher negra é servindo na cozinha?

1 Artista, acadêmica de Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas RS, Brasil.
E-mail: marianesimo204@gmail.com

2 Arquiteta e Urbanista, mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas RS, Brasil.

E-mail: luanadetoni@gmail.com

3 Artista Visual, mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas RS, Brasil.

E-mail: carolina.mescla@gmail.com

4 Arquiteto e Urbanista, professor no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas RS, Brasil.

E-mail: amigodudu@gmail.com

Que com a eleição da presidenta acabará a ladainha?
 Do extermínio da juventude?
 Saúde da população
 Das mulheres esterilizadas sem nenhuma informação
 Que a remissão negra era mesmo a servidão?
 Que não vai dar em nada, não vai ter reparação?
 Sinto desapontá-la
 O efeito dos teus males
 Desperta Dona Neca, motiva Lélia Gonzáles
 A frieza encarnada na termura de Makota Valdina
 Vilma Reis
 Inspirada pela cria da guerreira Sabina
 Remanescentes
 Ilês
 Roças
 Restingas
 Provas das vitórias das rainhas N'zinga
 Joelma, dindinha, Dona Martina
 Rigoberta, Selma do Côco
 As feridas de Frida
 Moradia sem reboco
 Clementina
 Carolina de Jesus
 E o desejo de duas pretas reunidas
 Num quarto de despejo
 Minhas heroínas estão vivas
 Rebeladas
 Formadas dentro ou fora da escola
 Na luta concentradas!"

A letra do rapper traz mulheres que ficaram marcadas na história, pela resistência em seus atos e pelas diversas causas nas quais acreditavam. Igualdade, melhores condições de vida, justiça, paz. Assim como Gog, mesmo ainda sem saber como o novo projeto iria se materializar, foi preciso trazer à memória de mulheres às ruas. E esse foi o norte necessário para começar.

Segundo Lais Myrha (apud VOLZ; PRATES, 2016, p. 27), na entrevista aos participantes do workshop do material educativo da 32o Bienal de São Paulo, a História com "H" maiúsculo foi escrita pelos vencedores, pelas culturas e civilizações hegemônicas. E inspirados pela artista, também seremos pela história dos vencidos, queremos dar voz a quem usualmente não tem, e abrir um espaço no discurso comum, em que se fala sobre o outro ou o que é pior, como o outro.

Há uma necessidade, um sentimento de urgência de tratar do gênero, em um país que os índices de violência são alarmantes, onde ser mulher é ter medo. O feminicídio é crescente a cada ano, apesar das políticas de denúncia como a Lei Maria da Penha. Segundo os dados da Organização Mundial de Saúde, entre 2001 e 2011, ocorreram mais de 50 mil homicídios motivados por misoginia. Em 2015, o Mapa da Violência sobre homicídios entre o público feminino revelou que, de 2003 a 2013, o número de assassinatos de mulheres negras cresceu 54%, passando de 1.864 para 2.875. Em 2016, o Brasil obteve a quinta maior taxa de feminicídios do mundo (OMS, 2016).

Outra referência musical é o rap intitulado "Eu nasci", da rapper Issa Paz, que relata na sua composição a forma como o patriarcado exerce uma forma de poder que resulta em uma total inferioridade da mulher, em todos os aspectos da vida.

"Eu nasci mulher. Assumi todas as culpas da humanidade
 Carrego um carma que me torna a razão pela expulsão
 Do éden
 Nasci mulher, numa sociedade aonde só fazem aquilo
 Que os homens querem. Num patriarcado forjado
 Maquinado que nos impedem, de seguirem livres
 Na igualdade das peles
 Superem. Nasci mulher. Nasci errando
 Cresci lutando. Contra todo o preconceito carregado
 Que colocaram num saco e pediram
 Para eu levar empurrando, como um castigo
 Por cada pedra atirada
 Cada morte marcada e manchada
 Com sangue antigo
 Nasci mulher. Nasci com o fardo da proibição
 Proibida de ser humano, pois a espécie é homo sapiens
 E não mulieris sapiens
 Proibida de falar no culto, de me opor aos insultos
 De ter respeito mútuo e de causar tumulto
 Sucumbida ao desrespeito coletivo, de quem nunca leu
 Um livro e acha que sou propriedade pública
 E podem pegar sem motivo. Sou mulher que não teve
 Escolha, a genética aleatória decidiu meu destino
 Me colocou em cárcere privado com muro invisível
 Mesmo assim sou incrível. De carregar na alma opressão
 E também a garra da flora e da fauna que trás libertação
 Da injeção de fluoxetina, dessa sina e da chacina
 De quem me doutrina
 De quem me agride sem permissão
 Nasci mulher, trouxe no coágulo sanguíneo
 Em cada espaço
 Do raciocínio, a raiva como vingança
 Trouxe de herança, Fridas, calos, lutas, Joanas, Darcs
 Atos, conduta, rosas, Parks, Mary, Wollstonecrafts
 Putas. Todas elas juntas, respirando meu ar
 Sendo equilíbrio suficiente, pra minha cabeça
 Não se abaixar nunca
 Pois eu nasci mulher, brilho que não se oculta
 Mesmo cansada da labuta
 Se eterniza naquilo que ensina
 Mulher, que pari, cria, conduz e desafia
 Morre, 10 por dia. Assassinadas.
 5 por hora, estupradas. Sem condição
 Ganhando 30 vezes menos. Mesmo com graduação
 Só no Brasil, mas violentada todos os dias
 Segundos e instantes, no Afeganistão
 Conclusão, mesmo mais livre na Islândia
 Sou prisioneira do mundo ingrato
 E também, ironicamente, fui responsável pelo seu parto
 Nascer mulher, nem todo mundo pode
 Seja homem ou mulher de fato, ninguém escolhe
 Mas eu acredito, que todo mundo que nasce mulher
 Já nasce plantando, os frutos que colhe
 Já nasce na guerra pra que ninguém te controle
 Já nasce na prole de muitas mães, irmã de muitas irmãs

Eu nasci mulher, nasci decidida, incumbida
Com a função de lutar pelo nosso amanhã
De brigar pelo nosso futuro
Sim, eu nasci mulher
E com muito orgulho!”

A mulher que se encontra dependente do companheiro, também é responsabilizada por cuidar dos filhos e manter a casa em ordem. Esta regra moral lhe dá menos espaço para a construção de outros modos de vida. Segundo estatísticas, a grande maioria dos casos de violência sofridos pelas mulheres acontece dentro do ambiente familiar. Ou seja, há um processo de subjugação no “doce lar” apenas por ser reconhecida como mulher. Quando busca romper essa ligação de violência e dependência ainda é preciso superar o preconceito e a discriminação no mercado de trabalho.

Em 2016, a estimativa é que a lacuna de desigualdade entre homens e mulheres leve 170 anos para ser preenchida no mundo. A situação mundial piorou de forma geral, mas houve melhora na região da América Latina e do Caribe. O Brasil, entretanto, é o pior colocado entre as grandes economias do continente, atrás da Argentina 33°, México 66° e Chile 70° (BBC, 2016). Estas estatísticas são mais um dado material sobre um processo subjetivo moralmente muito caro as mulheres, já que são respondem a modos de subjetivações que operam com a produção em seu centro.

Conforme Suely Rolnik, para tocar a materialidade, transgredi-la, profaná-la, se discute este ponto a partir da construção do corpo. Definindo devir-mulher, trazendo dos filósofos franceses Deleuze e Guattari, como uma corporalidade adjacente à masculina, em condição pormenorizada, através do desejo de ponto de fuga para escapar de uma sociedade que foi construída pensada para os homens (ROLNIK, 1990). A forma como o homem busca moldar e territorializar todas as outras forças que o circundam, não entra em devir porque ele é um modelo fixo. Percebamos que a mulher veio de sua costela, a criança é um homem em formação, o animal é um ser irracional que deve ser domesticado. O masculino quer o mundo aos seus pés, e isso ocorre no plano molar de existência “diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas” o que, dito na voz de uma mulher, quer dizer que “enquanto forma de poder, a sujeição é paradoxal” (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 127).

Quando saltamos para o pensamento do urbanismo contemporâneo, temos a possibilidade de acessar outra escala destas relações e construções subjetivas do modo de produção. É possível resgatar o movimento de vanguarda artística e política, a Internacional Situacionista (IS), fundada em 1957, que lutava contra o espetáculo, a cultura espetacular, a alienação e a passividade da sociedade. Este movimento defendia que a participação ativa dos cidadãos seria o principal o antídoto contra o espetáculo. Sendo o meio urbano, terreno de forma de ação contra essa monotonia da vida cotidiana moderna.

A arte de rua chama a atenção pela sua visibilidade sugerindo um contexto democrático ao acesso do conteúdo artístico. Puramente visual ou de protesto, qualquer pessoa tem a oportunidade de observar, conforme Deleuze (2004, p. 171), pelos perceptos, sensações e relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. O que está ao redor no espaço urbano e o que as estruturas têm a dizer e absorver sendo afectado por aquilo.

Corpografias urbanas: métodos participativos contra a alienação na cidade

A metodologia da pesquisa/obra/experiência foi delineada em quatro processos



Figura 1 - Frida Kahlo em lambe-lambe. Intervenção localizada no bairro Porto, Pelotas/RS.
Fonte: acervo da artista, 2015.

Figura 2 - Mulheres zapatistas em lambe-lambe. Localizada na zona central de Pelotas/RS.
Fonte: Acervo da artista, 2015.



principais. Primeiramente, com suporte na escolha das mulheres, foi realizada uma pesquisa biográfica sobre as mulheres, contendo histórias e registros fotográficos sobre suas experiências. O registro fotográfico foi escolhido para a exposição e apresentação da imagem daquela mulher no meio urbano. O conteúdo escrito foi acrescentado junto ao registro fotográfico da intervenção urbana em um blog na internet (tumblr.com) seguindo com o nome do projeto, profanando-e-resistindo.tumblr.com. Estendendo a proposta do lambe-lambe como uma arte efêmera para um registro processual do trabalho.

Conforme Oliveira menciona, o lambe-lambe, cujo nome surgiu no século XXI, tem no cartaz o seu precursor, mas sua função o diferencia deste, pois está relacionado a um movimento com viés crítico e propõe uma ideia ou reflexão contrária à conduta social e as desigualdades. Tendo potencial como resultado do trabalho de artistas e grupos de artistas que ocupam o espaço público com o objetivo de espalhar suas criações. Os conteúdos do lambe-lambe expressam posições alternativas à política dominante, ampliando o poder de reverberação dos sujeitos que estão inseridos na luta contra a privatização do espaço público (OLIVEIRA, 2015).

No livro "Street Art. Técnicas E Materiais Para Arte Urbana" de Benke Carlsson e Hop Louie (2015) são apresentadas inúmeras técnicas da arte de rua. Para começar a projeção das mulheres às ruas, o lambe-lambe foi a técnica de ação direta proposta para a execução do projeto, complementada com os adesivos, para explorar a intervenção visual também no micro olhar, devido o caráter gráfico e a facilidade da forma de impressão.

Com a ideia e as técnicas já decididas, foi analisado um título que fizesse jus à força das mulheres que seriam retratadas nos muros. Profanar, como "pecar sobre algo religioso" visto nos meios sacros, segundo Agambem (2004), na obra Profanações, consagrar (sacrar) era o termo que se designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significa restituí-la ao livre uso dos homens.



Figura 3 - Malala Yosafzai em lambe-lambe. Intervenção localizada no bairro Porto, Pelotas/RS.
Fonte: acervo da artista, 2015.

Conforme a pesquisadora Bárbara Hypolito: "para o meio urbano, a intervenção que promove a subjetividade, profana, os muros que excluem e separam. Fazem ouvir as vozes por trás das marcas. Marcam o território, criam outros territórios e afirmam diferenças" (HYPOLITO, 2016).

Para Beauvoir (2016), a mulher apresenta-se assim como o inessencial que nunca retorna ao essencial, como o Outro absoluto, sem reciprocidade. Todos os mitos da criação exprimem essa convicção preciosa do macho e, entre outras, a lenda da Gênese que, através do cristianismo, se perpetuou na civilização ocidental. E nos mitos quando a mulher, sendo o Outro se identifica como um sujeito é quando acontece o ato profano. Como na criação do mundo na Gênese quando é passado pela bíblia que Eva, comendo a maçã, condena o mundo a tudo que há de ruim. Logo, a mulher é culpada por tudo de ruim que acontece, com isso se tem a justificativa para toda inferioridade na mulher pelo sistema patriarcal. "E assim ela surge como uma presa privilegiada. É a natureza elevada à transparência da consciência, uma consciência naturalmente submissa" (BEAUVOIR, 2016, p. 201).

Além do profanar como ato de resistência ao patriarcado, pensando também em um sistema institucional da arte, o ato do lambe-lambe propõe a retirada da arte do pedestal, da moldura, das paredes brancas das galerias; levando-a para todos. Sem a restrição ao acesso para uma prática reflexiva sobre os limites de um processo artístico, profanar e resistir, mulheres e a também a arte.

A praticante da cidade, quando entende sua produção voltada à intervenção nas ruas, sente-se exposta. Ali, caminhando, tenta pensar nas possibilidades existentes, são infinitas. Mais um ponto para expressar sua subjetividade. Enquanto caminha, observa todas aquelas linguagens existentes e se sente extasiada, compreendendo que a cada observar aprendia algo. Frases, imagens, opiniões, tudo ao seu redor, as corpografias se delineavam.



Enquanto reflexo do discurso hegemônico falocêntrico presente nas instituições, em torno da vida, se são tratadas em sua maioria referências masculinas. Pergunto-me, como mulher, quem são minhas referências? Estou englobada por pensamentos eurocêntricos masculinos? Refleti sobre essa questão e segui, pesquisando para meu empoderamento como mulher, em busca de conhecê-las e mostra-las a todos que fossem afetados por estas nas ruas.

O que fizeram estas a qual irei retratar? Uma mulher, que após um grave acidente, busca sua identidade e seu espaço na arte com sua produção. Uma menina, que aos 15 anos sofre um atentado, pois defendia o direito a educação para mulheres em seu país. Uma organização autônoma horizontal contra o neoliberalismo, a qual viabiliza o direito da mulher e sua participação ativa em todas as instâncias, como por exemplo, políticas e militares. Uma autora que escreve sobre sua liberdade sexual na década de 60. São mulheres que com suas singularidades iam atingindo o meu devir-mulher.

O trajeto diário variava em alguns pontos, mas o principal de casa até a faculdade foi mostrando possíveis locais para intervenção. Esquinas, fachadas de casas abandonadas e muros de avenidas, sempre pensando na visibilidade do lambe-lambe e na composição subjetiva dos indivíduos que estivessem passando.

O lambe-lambe após a colagem pertence àquele lugar, estando sujeito ao tempo e a qualquer interferência externa, caracterizando-o como um conteúdo efêmero. Para registro das intervenções foram realizadas fotografias, como vemos nas imagens anteriores. Pertencendo ao lugar, sujeito aos resultantes dos afectos, o lambe-lambe não permanece por muito tempo em seu lugar.

Para uma segunda etapa do projeto foi pensado uma forma de levar as intervenções



para o meio virtual, fazendo uma ponte de registros de uma intervenção em Pelotas sendo acessada e compartilhada por um meio globalizado. No tumblr, profanando-e-resistindo.tumblr.com, foram concentrados os registros fotográficos dos lambe-lambes já colados nas paredes e muros, seguindo um trecho biográfico com foco nas resistências de cada mulher.

Na apresentação do início do projeto para a disciplina de Processos Criativos II, da graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas, foi proposto uma experiência participativa, entregando adesivos aos colegas com as mulheres as quais já haviam sido materializadas no lambe-lambe, partindo de uma ideia a qual cada um poderiam escolher onde colar aquelas mulheres. Após a apresentação e término da aula, foi possível observar alguns adesivos colados ao redor do Centro de Artes.

Mantendo esta linguagem, os adesivos possibilitaram o financiamento do próprio projeto, para posteriormente continuar com o lambe-lambe. Sendo vendidos em eventos públicos que acontecem em Pelotas/RS a partir de editais da prefeitura municipal, como Sofá na Rua e Piquenique Cultural, com grande concentração de bancas que vendem diversos produtos. Desde roupas usadas, artesanatos, comidas e divulgações de trabalhos artísticos, gerando uma rede de vendas alternativas e uma opção de um espaço público preparado para a visibilidade artística. Profanando-e-Resistindo foi levado até lá para, além da venda dos adesivos, dialogar sobre o projeto e sobre as mulheres que ali estavam. Então, são retomadas as impressões de mais lambe-lambes.

Um mês de andança e prática da experiência urbana com os lambe-lambes, ao passar pelos que resistiram ao tempo na trajetória diária, surge a questão se o projeto estava atingindo o resultado esperado: levar aquelas mulheres para as ruas para que todos as conhecessem. Muitos perguntavam para a artista quem eram aquelas mulheres. A artista não se importava em dizer e contar a história de cada uma delas, porém não era essa troca que estava sendo objetivada. Então fez se necessário um amadurecimento

Figura 6 - Adesivos selecionados para venda e divulgação do Profanando-e-Resistindo.
Fonte: acervo da artista, 2015.



na produção. Apenas a imagem da mulher não bastava, para dizer o que significava a sua personalidade, também era necessário indicar seu nome e o nome do projeto para que se pudesse promover o acesso das ruas até o blog.

Como agenciamento, o filme “Sufragistas” (2015) dirigido por Sarah Gavron, começou um processo de pesquisa sobre o movimento do sufrágio feminino para uma próxima intervenção do Profanando-e-Resistindo. Pelos registros históricos foi possível observar os primeiros países a aceitarem e considerar o voto da mulher para destinos políticos. Em 1893 na Nova Zelândia, 1912 em Nova York, 1918 na Grã Bretanha, só em 1932 o Brasil declara o sufrágio feminino. Para englobar as sufragistas de alguns países, o formato de apresentação da intervenção mudou. Passou a ter datas, países e mulheres, e foi apresentado em forma de linha do tempo.

A partir de caminhadas e percursos errantes na região do Porto de Pelotas foi possível traçar corpografias resultante da colagem dos lambe-lambes e dos adesivos. As intervenções marcam o corpo da artista, a partir da observação e vivência da corporalidade da cidade a qual o seu está inserido. A participação dos indivíduos era perceptível devido o tempo em que o lambe-lambe se mantinha no muro. Tal atividade anônima em relação à obra é de extrema importância para a complementação da mesma, esta só se faz existir se estiver nas ruas, pertencendo àquela estrutura e a todo indivíduo pertencente a ela. Ou seja, todos os sujeitos têm o direito de intervir na cidade, como identidade, voz e autoafirmação de pertencimento ou do não pertencimento.

Na prática errante de análise do meio urbano se faz a crítica sobre o círculo de informações rápidas, imagens fáceis de serem digeridas, trazendo consigo a verdade imposta pela sociedade. Segundo Debord (2003), essa verdade é um jogo de imagens mostrando uma realidade que não existe observa-se que o planejamento sensorial encontra-se voltado para outdoors e propagandas mercadológicas. Como resultado da sociedade do consumo e espetáculo, imagem e sedução. Sendo a subjetividade



Figura 7 - Diana Di Prima em lambe-lambe. Intervenção localizada no bairro Porto, Pelotas/RS.
Fonte: acervo da artista, 2015.

o mote para subverter essa lógica. Segundo Jacques, no texto Corpografias urbanas:

Estas corpografias urbanas de resistência, que são estas cartografias da vida urbana não espetacular inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa ao projeto espetacular, explicitando as micro práticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano que não são percebidas pelas disciplinas urbanísticas mais hegemônicas, preocupadas demais com projetos, projeções a priori, e pouco com os desvios a posteriori, mas que não estão, ou melhor, não deveriam estar, fora do seu campo de ação (JACQUES, 2008, p. 84).

Resultados e discussão

O percurso da pesquisa/obra/experiência instiga o agenciamento de narrativas corpográficas buscando por meio das errâncias um diálogo com a cidade de modo que se expanda a apreensão da arte para além dos limites arquitetônicos. Instigando a percepção do olhar, buscando no projeto respectivamente abordar além da paisagem urbana, gênero e questões sobre liberdade de expressão, em uma vivência reflexiva, em busca de questões sobre o que presencia.

A artista propõe uma experiência sensorial de subjetividade ao público, uma linguagem visual que busca trazer a memória de cada mulher, com a sugestão de tocar no percepto de cada indivíduo. À maneira de como cada um enxerga o espaço urbano, as maneiras de pertencimento do outro, as formas de exclusão e de abafar a voz que grita.

Comunicar uma experiência, após vivê-la exige criação sobre a reflexão. Despertando

afectos, resultando nos perceptos gerados pela intervenção corpográfica da artista para além dos muros da cidade, transpondo limites expositivos do subjetivo e reiterando a importância da experiência de alteridade urbana.

Referências

AGAMBEM, Giorgio. *Profanações*. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo. Editora Boitempo, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARLSSON, Benke; LOUIE, Hop. Street Art. *Técnicas E Materiais Para Arte Urbana*. São Paulo. Editora GG Brasil, 2015.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Versão eletrônica produzida pelo Coletivo Periferia, 2003. Disponível em: <www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf> Acesso em: 28 fev. 2017

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro. Editora 34 Ltda. 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37758080> (2016). Acesso em fevereiro de 2017.
<https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/> (2016). Acesso em fevereiro de 2017.

<https://silasborgesmonteiro.wordpress.com/2011/07/22/uma-questao-para-deleuze-o-que-sao-perceptos/> (2011). Acesso em fevereiro de 2017.

HYPOLITO, Bárbara de Bárbara. *Cidade, corpo e escritas urbanas. Cartografia no espaço público contemporâneo*. Dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Pelotas, 2016.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas*. Arqutextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>> Acesso em: 1 mar. 2017.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

JACQUES, Paola Berestein, organização. *Apologia da Deriva*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

OLIVEIRA, Diego. *Lambe-lambe: resistência a verticalização do Baixo Augusta*. Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/lambe-lambe__final_corrigido.pdf>. Acesso em: 8 de jan. de 2017.

ROLNIK, Suely. *Trechos de Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

Sufragistas. Direção: Sarah Gavron. Produção Alison Ower e Faye Ward. Bir Film, 2015.

VOLZ, Jochen; PRATES, Valquíria. *Incerteza Viva*. Processos artísticos e pedagógicos - 32º Bienal de São Paulo. 2016.



Figura 8 - Mulheres sufragistas em lambe-lambe. Intervenção localizada no bairro Getúlio Vargas, Pelotas/RS. Fonte: acervo da artista, 2015.